

CLAUDIO MAGRIS

# DANÚBIO

*Tradução*

Elena Grechi

Jussara de Fátima Mainardes Ribeiro



Copyright © 2008 by © Garzanti Editore s.p.a., 1986, 1990

*Obra publicada com a contribuição do Ministério das Relações Exteriores da Itália*

*Título original*

Danubio

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Maysa Monção

*Revisão*

Flávia Yacubian

Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Magris, Claudio

Danúbio / Claudio Magris ; tradução Elena Grechi, Jussara de Fátima Mainardes Ribeiro. — São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

Título original: Danubio.

ISBN 978-85-359-1337-8

1. Danúbio, Rio, Vale — Descrições e viagens 2. Magris, Claudio, 1939 — Viagens — Danúbio, Rio, Vale I. Título.

08-09110

CDD-914.96

Índice para catálogo sistemático:

1. Danúbio : Descrições e viagens 914.96

2008

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Para Marisa, Francesco e Paolo*

*Para longe longe eles cavalgam até o Danúbio...*

*A fuga do rei Matias, Canto popular esloveno*

# SUMÁRIO

## I. UMA QUESTÃO DE CALHAS (AS NASCENTES)

1. Uma placa 16
2. Donaueschingen contra Furtwangen 20
3. O relatório 22
4. Moralistas e geômetras nas nascentes do Breg 28
5. Mitteleuropa hinternacional ou total-alemã? 31
6. Noteentiendo 37
7. Homunculus 40
8. Os trilhos do tempo 43
9. Bíssula 46
10. A nascente do Brigach 49
11. Os sacristãos de Messkirch 50
12. A guia de Sigmaringen 54

## II. O DANÚBIO UNIVERSAL DO ENGENHEIRO

### NEWEKLOWSKY (ALEMANHA)

1. Acreditar em Ulm 64
2. Duas mil cento e sessenta e quatro páginas e cinco quilos e novecentos gramas de Danúbio superior 66
3. O engenheiro entre a persuasão e a retórica 72
4. A negrinha do Danúbio 74
5. O idílio alemão 75
6. A tomada de Ulm 78
7. De mãos nuas contra o Terceiro Reich 79
8. Um funeral 79
9. Uma libra de pão 81
10. No mercado do porco 83
11. O arquivista das vilanias 84
12. Grillparzer e Napoleão 88
13. Terapia deambulatória 93

14. De Lauingen a Dillingen 93
15. O kitsch do mal 101
16. Um túmulo vazio 106
17. Marieluise Fleisser de Ingolstadt 108
18. O Limes 110
19. Um Walhalla e uma rosa 111
20. Regensburgo 114
21. Na sala do Reich 119
22. As seis pontas do nada 121
23. O burro dos Ramos 123
24. A grande roda 124
25. Eichmann no convento 128
26. As papadas de Vilshofen 129
27. Na cidade de Passau 131
28. Cremilda e Gudhrun, ou as duas famílias 135
29. Sobre o lindo Inn azul? 138

### III. NA WACHAU (WACHAU)

1. Um necrológio em Linz 142
2. Suleika 147
3. A.E.I.O.U. 151
4. Com o gume e a ponta 154
5. Um fio de fumaça 159
6. Mauthausen 159
7. Uma gota de esquecimento 163
8. Patos em Grein 168
9. Uma torta para o arquiduque 168
10. Kyselak 172
11. Vinheta do Danúbio 176
12. 10h20 177
13. Águia bicéfala e águia marinha 178
14. Kierling, Hauptstrasse 187 182

### IV. CAFÉ CENTRAL (VIENA)

1. O manequim do poeta 186
2. A casa de Wittgenstein 188

3. Santo Estêvão 189
4. A pequena baronesa que não amava Wagner 190
5. A escadaria de Strudlhof 194
6. Dorotheum 196
7. As mentiras dos poetas 196
8. Os turcos diante de Viena 196
9. As manchas de sangue 202
10. Entre os demais vienenses 203
11. Um trabalho frutífero 208
12. Gentzgasse, 7 208
13. Lukács em Viena 209
14. Só uma pergunta 211
15. O de sempre, senhor? 212
16. Josephinum 214
17. Um cabaré da realidade 215
18. Rembrandtstrasse, 35 216
19. À beira do real 216
20. Wiener Gruppe e striptease 219
21. Karl-Marx-Hof 220
22. Tio Ottone 222
23. No Museu do Crime 224
24. Viveu contente, morreu feliz 225
25. Berggasse, 19 227
26. Odisséia no espaço 229
27. O olhar para trás 230
28. Palavras, palavras, palavras 230
29. Eckartsau 234
30. Carnuntum 234
31. Uma minoria desejosa de assimilação 237
32. Onde Haydn está não pode acontecer nada 239
33. Mais sombrio e mais glorioso 239

#### V. CASTELOS E DREVENICE (ESLOVÁQUIA)

1. O Camarão Vermelho 242
2. Onde estão os nossos castelos 244
3. Aquele obscuro objeto do desejo 251

4. A cada um a sua hora 252
5. Um domingo danubiano e proletário 255
6. Cemitérios ao longo da estrada 258
7. Sobre os Tatra 259
8. Um sebo, a vida e a lei 260

#### VI. PANÔNIA (HUNGRIA)

1. Às portas da Ásia? 266
2. O rei disfarçado 271
3. Kocsis 272
4. Esteiras de blindados na neve 277
5. No barro panônico 280
6. Tristemente magiar 282
7. Um busto imperial no vão da escada 285
8. Os taberneiros de Vác 286
9. Szentendre 286
10. Um sorvete em Budapeste 288
11. O túmulo entre as rosas 294
12. A épica, o romance e as mulheres 294
13. Mitteleuropa e antipolítica 296
14. Dois telegramas 297
15. Iluminismo curvilíneo 298
16. A biblioteca sobre o Danúbio 300
17. Um pedaço de Stálin 305
18. Kalocsa 306
19. Epílogo em Baja 307
20. O vinho de Pécs 309
21. O falso czar 312
22. Um violino em Mohács 315

#### VII. VOVÓ ANKA (BANATO E TRANSILVÂNIA)

1. Pensar “em vários povos” 320
2. Um cavalo verde 322
3. O sábio assessor Tipoweiler 325



4. Um papagaio poliglota 328
5. Sob o busto de Lenau 329
6. Vitalidade verde 331
7. Timișoara 334
8. Um destino alemão 339
9. O túmulo de Octavián 340
10. Um Júpiter ambíguo 342
11. A cidade no Leste 343
12. Transsilvanismus 345
13. Na Torre do Relógio 349
14. Na borda do silêncio 351
15. Hipóteses sobre um suicídio 354
16. Subotica ou a poesia do falso 355
17. Novi Sad e arredores 357
18. Homens da fronteira 359
19. Um stalinista wertheriano 361
20. Uma saga belgradina 364
21. Nas Portas de Ferro 366

#### VIII. UMA CARTOGRAFIA INCERTA (BULGÁRIA)

1. Ils méprisent les Turcs 370
2. Autobiografia de um heiduque 374
3. Manuscritos no Danúbio 375
4. Tártaros e circassianos 377
5. O agente Rojesko 379
6. A onda e o oceano 380
7. A questão macedônica 382
8. Bulgária verde 382
9. Os contos de Čerkazki 383
10. O mundo criado por Satanael 384
11. A Bíblia dos godos 387
12. Ruse 387
13. Um museu estentóreo 389
14. Grafites em Ivanovo 390

15. O poste da cegonha 390
16. A casa de Canetti 391

IX. MATOAS (ROMÊNIA)

1. No caminho do mal 396
2. Deuses e bolinhos 401
3. Um congresso transferido 405
4. A janela do marechal 407
5. Mahalá e vanguarda 409
6. A slot-machine da poesia 411
7. No Museu da Aldeia 413
8. Hiroshima 415
9. O troféu de Trajano 417
10. Mar Negro 418
11. O Cavaleiro Trácio 421
12. A cidade morta 423
13. Na fronteira 425
14. No delta 429
15. In t'el mar grando 437

Sobre o autor 443

I.  
UMA QUESTÃO DE CALHAS

## 1. UMA PLACA

“Caríssimo!

“O sr. Maurizio Cecconi, vereador de Veneza, com base no projeto anexo, nos apresentou a proposta de organizar uma exposição sobre o tema ‘A arquitetura da viagem: história e utopia dos hotéis’. A sede prevista é Veneza. Diversas instituições e organizações já demonstraram interesse em participar financeiramente. Se o senhor tiver interesse em colaborar...”

O caloroso convite, entregue alguns dias atrás, não se dirige a um destinatário preciso, não nomeia a pessoa ou as pessoas que interpela com efusão; o ímpeto afetoso patrocinado pela administração pública transcende as individualidades particulares e abarca o geral, a humanidade ou pelo menos uma larga e fluida comunidade de cultos e inteligentes. O projeto anexado — redigido por professores das universidades de Tübingen e de Pádua, articulado segundo uma lógica rigorosa e acompanhado de bibliografia — quer enquadrar na ordem inexorável do tratado a imprevisibilidade da viagem, o emaranhado e a dispersão dos caminhos, a casualidade das paradas, a incerteza da noite, a assimetria de cada percurso. O esquema é o esboço de um estatuto da vida, se é verdade que a existência é uma viagem, como se costuma dizer, e que passamos pela terra como hóspedes.

É verdade que no mundo administrado e planejado em escala planetária, a aventura e o mistério da viagem parecem ter sumido: já os viajantes de Baudelaire, que partem à procura do inaudito e estão prontos a naufragar nesta excursão, encontram no desconhecido, apesar de desastres imprevistos, o mesmo tédio que deixaram em casa. Mover-se, todavia, é melhor que nada: olha-se pela janela do trem que se precipita na paisagem,

oferece-se o rosto a um pouco do frescor que desce das árvores na alameda, misturando-se às pessoas, e alguma coisa escorre e passa através do corpo, o ar embarafusta-se nas roupas, o eu se dilata e se contrai como uma medusa, um pouco de tinta transborda do frasco e dilui-se num mar da mesma cor. Mas este brando relaxamento dos nexos, que substitui o uniforme por um pijama, é mais a hora de recreação no programa escolar que a promessa da grande dissolução, do louco vôo com que se atravessa o limite. Veleidades, dizia Benn, mesmo quando se sente o desapiadado abismo azul escancarar-se sob a discutível realidade. Demasiados arúspices satisfeitos e peremptórios nos ensinaram que a cláusula “tudo incluído” das tarifas turísticas inclui também o inesperado pé-de-vento. Mas permanece, por sorte, a aventura da classificação e do diagrama, a sedução metodológica; o professor de Tübingen contratado pelo vereador, ciente de que a prosa do mundo ameaça a odisséia, a experiência concreta e irrepitível do indivíduo, se reanima citando na página três Hegel, destacado aluno do seminário teológico da sua cidade, e repetindo com ele que o método é a construção da experiência.

Este banco de madeira, que dá para a estreita lâmina de água, convida à simpatia pelo projeto sistemático, encontrado na caixa do correio pouco antes de partir — simpatia pela pequena arte da fuga que se esconde sob as arcadas das suas passagens lógicas. A madeira tem um cheiro bom, uma aridez viril de Cavaleiro do Vale Solitário, enquanto o Breg — ou o Danúbio? — é uma fita de bronze que escorre escura e brilhante, e graças a umas poucas manchas de neve no bosque a vida parece um dia fresco e arejado, uma promessa de céu e de vento. Um feliz conluio de circunstâncias e um benévolo relaxamento, talvez favorecido também pela cordialidade daquele “Caríssimo”, convidam a ter confiança no mundo, e a aceitar também a síntese entre a Ciência da Lógica hegeliana e as categorias dos hotéis, formulada claramente pelo colega alemão no programa veneziano.

É animador que a viagem tenha uma arquitetura e que seja possível contribuir para ela com alguma pedra, embora o viajante pareça não tanto aquele que constrói paisagens — ofício do

sedentário —, mas aquele que as desmonta e desagrega, como o Barão von R., de quem diz Hoffmann que andava pelo mundo colecionando panoramas e, quando achava necessário, para desfrutar ou criar uma bela vista, mandava cortar árvores, podar ramos, nivelar as pequenas elevações do terreno, derrubar bosques inteiros ou demolir fazendas, se atrapalhavam a perspectiva. Mas também a destruição é uma arquitetura, uma desconstrução que segue regras e cálculos, uma arte de decompor e recompor, ou seja, de criar uma outra ordem: quando uma parede de folhagem caía inesperadamente, revelando as ruínas de um castelo longínquo na luz do pôr-do-sol, o Barão von R. parava alguns minutos para contemplar o espetáculo que ele mesmo havia encenado e depois tornava a partir às pressas para nunca mais voltar.

Toda experiência é o resultado de um método tenaz, mesmo a transparência do longínquo pôr-do-sol para o Barão von R. ou o ar de neve que chega a este banco da Floresta Negra. É nas classificações que a vida revela o seu ardente relampejar, nos protocolos que procuram catalogá-la e põem desse modo em evidência o seu irredutível resíduo de mistério e de encanto. Assim o esquema do projeto dos dois comunicativos estudiosos, articulado como o *Tractatus* de Wittgenstein (1.1, 1.2, 2.11, 2.12 etc.), deixa entrever, nas mínimas fissuras entre um número e outro, as indefinidas peripécias do viajar: distingue hotéis luxuosos (*luxuriös*), burgueses, simples, populares, locais, portuários, de excursão, camponeses, principescos, conventuais, de caridade, patrícios, de corporações de artesãos, de alfândega, de diligências de carroceiros. Somente as tabelas da ciência são capazes de colocar adequadamente em relevo o humorismo metafísico dos objetos e dos eventos cotidianos, de suas conexões e seqüências: na seção E, dedicada às *Cenas* — isto é, aquelas que podem desenvolver-se nos hotéis —, lê-se, a uma certa altura: “2.13. Erótica: — cortejar — prostituição. 2.14. Ablução. 2.15. Quartos. 2.16. O despertador”.

Não sei em que categoria de hotéis se encaixaria o de Neueck, na Floresta Negra, a poucos quilômetros deste banco, no

qual há 23 anos, diante de uma bolacha da cerveja Fürstenberg — um círculo de papelão com uma espécie de dragão vermelho sobre um campo dourado, com um debrum azul, e rodeado por sua vez por um fundo vermelho e branco — que rolava entre as nossas mãos, decidiu-se a minha vida. Ida e volta, *le voyage pour connaître ma géographie*, como dizia aquele louco de Paris. A placa, a poucos metros deste banco, indica a — uma? — nascente do Danúbio e até sublinha que se trata da principal. Rio da melodia, chamava-o Hölderlin junto às suas nascentes; linguagem profunda e secreta dos deuses, estrada que unia a Europa e a Ásia, a Alemanha e a Grécia, ao longo da qual a poesia e o verbo, nos tempos do mito, subiram para levar o sentido do ser ao ocidente alemão. Nas margens do rio, para Hölderlin, ainda viviam os deuses: ocultos, incompreendidos pelos homens na noite do exílio e da cisão moderna, mas vivos e presentes; no sono da Alemanha dormia, entorpecida pela prosaica realidade, mas destinada a despertar novamente em um utópico futuro, a poesia do coração, a libertação, a reconciliação.

O rio tem muitos nomes. Junto a vários povos, Danúbio e Istro indicavam, respectivamente, o curso superior e o inferior, mas às vezes também o curso todo: Plínio, Estrabão e Ptolomeu perguntavam-se onde acabava um e começava o outro, talvez na Ilíria ou nas Portas de Ferro. O rio *bisnominis*, como o chamava Ovídio, arrasta a civilização alemã, com seu sonho da odisséia do espírito que volta para casa, para o Oriente e a mistura com outras civilizações, em tantas metamorfoses mestiças nas quais sua história encontra seu acabamento e sua queda. O germanista, que viaja de maneira intermitente, quando e como pode, por todo o curso do rio que mantém unido o seu mundo, leva consigo sua bagagem de citações e de quimeras: se o poeta se entrega ao *bateau ivre*, seu suplente procura seguir o conselho de Jean-Paul, que sugeria recolher pela estrada e anotar imagens, velhos prefácios, cartazes de teatro, conversas na estação, poemas e batalhas, escritos fúnebres, metafísicos, recortes de jornal, avisos nas tabernas e nas paróquias. *Souvenirs, impressions, pensées et paysages, pendant un voyage en Orient*, diz o título de La-

martine. Impressões e pensamentos de quem? Quando se viaja sozinho, como acontece com excessiva frequência, é preciso pagar do próprio bolso, mas algumas vezes a vida é boa e permite passear e ver o mundo, mesmo que só de vez em quando e por pouco tempo, com aqueles quatro ou cinco amigos que testemunharão por nós no dia do Juízo Final, falando em nosso nome.

Entre uma viagem e outra, já em casa, procura-se estender as estufadas pastas de anotações sobre a superfície plana do papel, transferir maços de papéis, blocos de notas, folhetos e catálogos para folhas batidas à máquina. Literatura como mudança; alguma coisa, como em toda mudança, se perde e alguma coisa vem à superfície de esconderijos esquecidos. Na verdade, quase andamos como órfãos, diz Hölderlin no poema “Nas nascentes do Danúbio” — o rio escorre e cintila no sol como o fluir da vida, mas o sentido que reluz é uma ilusão de ótica do olhar deslumbrado que vê inexistentes manchas luminosas na parede, esplendor no néon ao se dissolver, sedução da aparência, capas ilustradas.

O revérbero do nada acende as coisas, as latas abandonadas na praia e os faroletes dos automóveis, como o pôr-do-sol incendia as janelas. O rio não tem nenhuma totalidade e viajar é imoral, dizia Weininger viajando. Mas o rio é um velho mestre taoísta, que ao longo de suas margens dá aulas sobre a grande roda e sobre os interstícios entre os seus raios. Em cada viagem existe pelo menos um fragmento de Sul, horas descontraídas, abandono, fluir da onda. Indiferente aos órfãos nas suas margens, o Danúbio corre para o mar, para a grande persuasão.

## 2. DONAUESCHINGEN CONTRA FURTWANGEN

Aqui nasce o braço principal do Danúbio, diz a placa colocada junto à nascente do Breg. Apesar dessa declaração lapidar, o debate plurissecular sobre as fontes do Danúbio ainda está aceso e é até responsável por vibrantes contendidas entre as cidades de Furtwangen e Donaueschingen. Para complicar ainda mais as